



A COLONIALIDADE DO VER: O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA DE ENSINO ASAS DA FLORESTANIA PARA AS COMUNIDADES RURAIS DO ACRE.¹

PINHEIRO, Simone da Silva ²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar vídeos produzidos pelo governo do Estado do Acre no ano de 2015 em comemoração aos 10 anos do projeto de ensino para as comunidades rurais do estado, nomeado Asas da Florestania. Os vídeos, com o mesmo título do projeto, são vinculados ao site Youtube e foram dirigidos por técnicos da Secretaria de Planejamento do Acre em parceria com a TV Estatal (TV ALDEIA), a série de vídeos titulado “Asas da Florestania”, objetiva enaltecer ações do estado e do programa de ensino para os povos rurais. A partir das observações dos vídeos e dos estudos com teóricos da Decolonialidade e da Análise do Discurso proponho um estreito debate entre a análise do discurso francês e os teóricos Decoloniais numa abordagem epistêmica no campo da ação de controles de sentidos, olhares nos diversos espaços acreanos e como de forma linear as narrativas se configuram em relação aos chamados subalternos e seus locais de vivência. Além desse debate, tenho também como propósito colocar em destaque como o discurso mediático atravessa vidas e silencia corpos, seguindo uma narrativa utilizada pelos primeiros viajantes da região, sendo perceptível a continuidade do modelo narrativo para região e numa abordagem do discurso com Michel Foucault navegar nos signos da produção de subjetividades.

Palavras Chaves: Colonialidade, Mídia, Discurso e Asas da Florestania.

INTRODUÇÃO

A região que hoje conhecemos por Amazônia foi/é narrada pelos conquistadores, que ao invadi-la no século XVI, a descrevem como exótica, bárbara, terra de seres atrasados e sem nome. Guiados pelo olhar ufanista de colonizador, esses sujeitos nomeiam a região a partir de suas lendas, de seus valores, sentidos e vivências anulando culturas que aqui já estavam. Para a Historiadora Neide Gondim (1994) a região hoje conhecida por Amazônia foi datada e nomeada pelo outro, centrado no discurso de superioridades das raças, baseado em discursos científicos e religiosos.

As imagens em torno da região seguem a linearidade histórica do olhar eurocêntrico do homem branco que, baseado em desenhos dos viajantes do século XVI,

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Audiovisual e Visual do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, realizado em 19 e 20 de maio de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre.



começam a formular os contornos do morador nomeado de primitivos, exóticos, bárbaros, canibais, devoradores de almas, seres sem alma. Ao mesmo tempo enfatizavam as paisagens florestais de exuberantes os rios imensos, lugar de belos animais e praias. Esse panorama, por vezes nos é apresentado como ambiente vazio, distante, perigoso, de povos à margem do processo de modernidade, sendo preciso ajuda da racionalidade europeia para assim sair da “escuridão” da selva.

Viajantes, padres, artistas, escritores, engenheiros, naturalistas, todos enfim, alimentaram o discurso do atraso e da selvageria da Amazônia. Estes homens por meio de escritos e imagens subsidiaram o discurso do espaço estúpido de homens ignorantes.

O olhar do viajante, do urbano, do naturalista e de todos aqueles que não habitam a região foi/é carregado de preconceitos, fundados nas imagens eurocêntricas do que caracterizam como modelos de atrasos e que por relações desiguais de poder, submetem os habitantes locais a uma forte violência cultural, estabelecendo fronteiras por meio de signos que, segundo Michel de Certeau (1992), marca o corpo dos ditos selvagens. Cabe ao viajante resgatar da escuridão da floresta os gentios, os brabos, os ignorantes e levá-los a grandeza da razão. Para Euclides da Cunha (1986, p 80), a região era tomada de uma imensidão verde, invadida por caminhos aquáticos “comparável a labirintos que impossibilitava a saída do homem cativo pelo verde exuberante, mas esmagador”.

Cunha (1986) em viagem de reconhecimento das fronteiras entre Brasil e Peru, no início do século XX, navega as águas do Rio Purus, mesmo vivendo os horrores da Guerra de Canudos no interior da Bahia. O autor se volta para a Amazônia com olhar positivista de um naturalista que se encanta com o local, mas não deixa de narrá-la como imenso vazio verde, de homens que caminham em círculos, vingativo e metafórico em meio a floresta que é sua prisão, motivo de sua desgraça e repleta de sons estranhos e mosquitos infernais.

Somos atravessados, desde a invasão no século XVI, por discursos estereotipados a respeito dos moradores e da geografia local, ora bela, exuberante; ora perigosa, repleta de mosquito e animais selvagens, sendo necessária ações imediatas de ligação deste “vazio demográfico” com o resto do mundo. Dessa forma, a região foi palco de obras faraônicas como estrada de Madeira-Mamoré, a Estrada Belém- Brasília,



Transamazônica e na atualidade as hidrelétricas sobre o discurso de grande manancial hidrelétrico dos rios locais que salvará o país de futuros apagões.

Desenvolvimento, ocupação, progresso, sustentabilidade, Florestania, projetos de educação, segundo Walter Mignolo (1995), são signos do projeto de colonialidade do poder, articulados para marcar limites nas terras invadidas do projeto de modernidade, iniciado com a chegada do europeu ao território da chamada América.

Juntamente com os mecanismos de construção do discurso, em seu centro há um entrelaçamento de imagens fomentando o processo de colonialidade que fabrica sentidos, desloca cultura e criar consumidores para seus produtos numa representação de bem-estar para os povos da região.

De acordo com Foucault (1989), o poder produz verdade, sentidos através de discursos por relações hegemônicas de sustentação datadas historicamente com intenções reais de controle sobre os corpos e os espaços, silenciando povos para que as vozes das instituições hegemônicas possam de fato criar sujeitos dóceis ao poder. Em meio à circulação de signos mediáticos os espaços sociais são minados e lógicas singulares estabelecidas

Em meio ao espetáculo das mídias eletrônicas as imagens são cada vez mais ousadas educando olhares, desejos, ensino, espaços, deslocando culturas por meios de discursos médicos, pedagógicos, tecnológicos, produzindo verdades.

ASAS DA FLORESTANIA: PROJETO DE ENSINO PARA AS COMUNIDADES RURAIS DO ACRE.

Em 1999 o Partido dos Trabalhadores (PT) ganha as eleições do Acre para governar o estado por quatro anos. Assume o cargo o engenheiro florestal Jorge Viana e com ele uma série de discursos sobre a identidade acreana ganha espaço, colocando em evidência signos, como por exemplo, a bandeira representativa da unidade da federação nos locais públicos e imagem de castanheira espalhadas pelos locais de maior acesso, além de cadernos, boches, veículos oficiais.

Na intenção de produzir verdade e impor seu plano de governo logo as instituições minaram espaços, criando subjetividades em meio ao discurso de Florestania. Esse termo, segundo seu criador, o filósofo, jornalista e historiador Antônio



Alves (Toinho Alves), teve por objetivo criar para os moradores da floresta, cidadania centrada no progresso, alteridade pelo outro, sustentabilidade e pelas lutas dos trabalhadores rurais pelas suas terras. O neologismo vem da união da palavra cidadania e floresta, pois cidadania é uma palavra urbana, não sendo possível dialogar com as comunidades locais da floresta, sendo assim era preciso criar um termo que fosse presente no cotidiano dos povos, desse ponto surge a Florestania.

Logo a Florestania espalha-se pelos meios de comunicação que, à época, recebia atenção especial. Conforme afirmativa do assessor daquele governo, a rádio estatal (Difusora Acreana) teve sua potencialidade triplicada; a TV estatal foi reorganizada, impulsionada por novos equipamentos que possibilitaram ampliar sua zona de ação e além disso, outra rádio estatal foi criada – Aldeia FM – ampliando significativamente o círculo de alcance para a disseminação das verdades que passaram a ser criadas. Antigos e novos espaços, antes não alcançados, foram ocupados por discursos de Florestania, de valores lineares, estabelecidos pelas instituições ligadas ao estado.

Em suas localidades da Zona Rural, as crianças estudam até a 4ª série do Ensino Fundamental em turmas multisseriadas, ou seja, os alunos de diferentes séries são acomodados no mesmo espaço e um único professor assume a responsabilidade de desenvolver o ensino das temáticas presentes na estrutura curricular dos quatro níveis da escolarização. A partir de 1991 o modelo de ensino passou a ser baseado nas cartilhas de formação da Escola Ativa, programa desenvolvido pelo Ministério da Educação, com a finalidade de atender as crianças da zona rural brasileira. Os criadores do programa tiveram como suporte as ideias neoliberais e escolanovista, ganhando espaço com a promulgação da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB.

Em conformidade com o artigo 28 da LDB, a educação do campo “promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente”, ressaltando três incisos, transcritos a seguir:

- I – Conteúdos curriculares e metodológicos apropriados às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
- III – Adequação à natureza do trabalho na zona rural.

É importante ressaltar, que na zona rural a organização das turmas de forma multiseriada já acontecia para as séries iniciais. No entanto, a abertura para essa



possibilidade, em ordenamento legal maior, só veio ocorrer a partir de 1996, com a aprovação da lei 9394. Com isso, a Escola Ativa ganhou impulso na grande maioria das escolas rurais, pois devido à baixa densidade local seria quase impossível formar turmas seriadas. As escolas funcionariam/funcionam em associações, igrejas, sindicatos. Com apoio dos movimentos sociais da década de 80 e 90 os espaços de ensino ganharam apoio e assim chegou no Brasil inteiro.

Aqui no Acre, por decorrência das grandes distâncias e principalmente, por reivindicações antigas dos movimentos que lutavam por escolas para todas as crianças, fez a Escola Ativa logo ampliar seu espaço, implantando sua metodologia em diversas localidades rurais do estado, contraditoriamente, com forte patrocínio do Banco Mundial.

No entanto, a Escola Ativa tinha suas limitações, só atendia um ciclo da educação básica. E assim sendo, as crianças do campo ficavam confinadas vários anos na última série do primeiro seguimento do Ensino Fundamental ou seguiam para os centros urbanos do estado. Dessa forma, surge a necessidade de garantir a permanência destes estudantes em suas localidades, além de garantir o direito de continuar seus estudos próximo de seus familiares.

É envolto nesse contexto que em 2005 o então governador do Estado Jorge Viana, firmou parceria com a Fundação Roberto Marinho e o Banco Mundial, com a intenção de estender os outros níveis da educação básica para as comunidades rurais de difícil acesso do Acre. E assim foi criado o Projeto Piloto Para as Comunidades de difícil acesso do Acre, que mais tarde passou a ser denominado de Asas da Florestania.

Segundo dados da Secretaria de Educação do Estado, o projeto foi criado para gerar cidadania para as comunidades de difícil acesso do Acre, com o discurso de qualidade, valorização do campo e das práticas locais. Na ocasião o Asas da Florestania, chega de fato às localidades de 7 municípios acreanos, sendo hoje completa a cobertura do ensino nas localidades rurais. No entanto, essa nomenclatura somente é assumida em 2007, quando o projeto ganha o título de Asas da Florestania, inspirado no lema que integra os significados dos dois vocábulos floresta e cidadania, criado pelo então governador Jorge Viana e sua equipe, conforme já citado anteriormente. É importante ressaltar, que o termo que resultou, ou seja, florestania, foi definido e escolhido pelos grupos dominantes que estavam à frente do poder do estado, sem que de fato os



diversos povos do Acre fossem ouvidos, para opinar sobre a questão, efetivamente fazendo o contrário do que os seus discursos evidenciavam, a participação.

A estrutura organizacional do projeto teve o financiamento do Banco Mundial. Em contrapartida, acordos foram estabelecidos impedindo a diversidade de possibilidades de ações didáticas-pedagógicas, com base na realidade a que se destinava, tornando rígida, homogênea e de sequência linear a vivência curricular e atuação dos profissionais. Em consonância com as exigências do Banco Mundial, a Fundação Roberto Marinho - FRM, ligada às organizações globo, forneceria o suporte didático e mediático, traduzindo os parâmetros de ensino e as imagens de formação de supostas identidades vazias de sentidos.

A metodologia usada é centrada no Telecurso 2000, projeto esse criado pela referida instituição durante o período militar para alfabetizar trabalhadores da indústria da Grande São Paulo com o uso de imagens, vídeos e cadernos resumidos dos conteúdos da base Nacional Comum. Com o aval do Ministério da Educação o Telecurso abria portas para a implantação da educação a distância no país. Com o aparato da sua metodologia audiovisual, o programa tinha por base num futuro retirar a figura do professor.

Nas mídias o Asas da Florestania era apregoado como projeto novo, que incorporava o ensino pautado nas diferenças dos espaços, do diálogo com o local, com a linguagem dos povos da floresta. Porém, os mesmos vídeos, imagens e cadernos da FRM são àqueles usados em outras localidades do País, como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco sede da instituição. Utilizado em outros estados do Brasil a metodologia de ensino, se repetia tal qual à época da Lei 5.692/71, que estabelecia o currículo mínimo e que era enfatizado pelo antigo Telecurso 2000, desenvolvido por eles desde a ditadura militar.

Os professores são unidocentes, ou seja, ministram aulas dos componentes curriculares do ensino médio. Tais docentes do programa em análise, são divididos para atender as demandas das denominadas grandes áreas do conhecimento: Linguagem e Códigos, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Nesta etapa de ensino, três professores se intercalam em uma espécie de rodízio, para assim por em prática o ensino obrigatórios do currículo, cada um deles, ministrando o conjunto das disciplinas que unificam cada uma das três áreas.



No discurso de implantação do projeto o então Vice-Governador Binho Marque, afirma:

A gente nunca poderia ter um desenvolvimento econômico vitorioso sem ter pelo menos uma população que tivesse acesso à educação básica, que vai do ensino infantil ao médio. O que fizemos? Partimos para a inovação, buscamos referências no que era feito em outras partes do mundo e com esses dados coletados montamos um projeto piloto vitorioso. (Portal de notícias do Governo do Acre, 15/08/2005. Acesso em 28 de agosto de 2015).

Em 2009, foram incorporados aos programas de ensino para o campo o Pró-Acre, Plano de Desenvolvimento Sustentável, que recebeu US\$ 120 milhões do Banco Mundial, para aplicar na construção de novas escolas, espaços de apoio ao campo, além de vários serviços de qualidade para as populações dos rincões do Acre. (Revista Educação, agosto de 2011).

Segundo a secretária de educação do estado na época de implantação do projeto, professora Maria Correa, o projeto foi baseado na lei de diretrizes da educação: “Garantimos todos os conteúdos previstos nas Diretrizes nacionais e valorizamos o ensino com professores de nível superior, que estão em constante formação” (Revista Educação, agosto de 2011).

A formação citada ocorreu por dois anos pela equipe de ensino da FRM. Decorrido esse período, as formações começaram a ser ministradas pela equipe de ensino do setor rural da Secretaria de Estado e Educação do Acre – SEE, ocorrendo sempre nos núcleos urbanos, onde o professor recebe as orientações de como aplicar a metodologia em suas comunidades. Os docentes são todos de nível superior, sendo um dos critérios de contratação, por isso são oriundos dos centros urbanos, já que até 2007 os professores residentes no campo não tinham nível superior, atuavam somente com magistério a nível médio (Dados da SEE – 2015).

Em 2011 o Instituto Abaporu entra em cena, criando cadernos de ensino e orientações curriculares para as comunidades rurais, mas só mudou os autores pois o currículo continua sendo homogêneo, com o objetivo de criar corpos dóceis, ações governadas para atender o desejo de escolarização do mundo através de mídias atreladas ao discurso pedagógico.



O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DO ASAS DA FLORESTANIA

Em 2015 o programa Asas da Florestania completou 10 anos de ação nas comunidades rurais do Acre, (onde) o qual segue, segundo seus gestores, com a responsabilidade de trazer um ensino de qualidade para esses povos, sempre levando em consideração seus valores. Desta maneira, em comemoração aos seus 10 anos de atuação no campo da educação rural do estado, as secretarias de planejamento e educação desenvolveram uma série de reportagens vinculadas no site do Youtube, sendo entrevistados técnicos da Secretaria de Educação Estadual (SEE), professores, alunos e membros da comunidade.

O interessante dos vídeos são as falas sempre remetidas aos técnicos da SEE, anulando a fala dos reais protagonistas do processo de ensino, professor e aluno. As falas são centradas no universalismo salvacionista dos senhores das letras, cabendo a estes levar aos ambientes mais distantes da região o conhecimento, produzindo verdades institucionais permeadas por questões eurocêntricas e estereotipadas do outro, sendo este sempre nulo, necessitado da mão redentora do estado.)

Os vídeos são divididos em 4 blocos de 10 minutos, em média cada um. O último aborda a questão do “Asinhas da Florestania”, assim chamado na educação infantil. Por meio dos estudos da Análise do Discurso de Michel Foucault, percebemos nas imagens do vídeo a produção de verdades institucionalizadas, guiando olhares e formas lineares de descrever a Amazônia e seus moradores.

O início do primeiro vídeo as imagens guiam o nosso olhar por uma imensidão de floresta e das águas do Rio Juruá, árvores opulentas, estradas no meio da floresta, solitários professores em caminhos difíceis. O fundo musical e as imagens geram sentidos de solidão, bucolismo, de linearidade, vida cíclica, tantas vezes descritas por viajantes, cronistas, engenheiros, técnicos que desenharam/desenha a região como um imenso vazio demográfico, de vidas esparsas, do homem Euclidiano “preso a sua própria desgraça, fruto da sua ganância que o trouxe até as terras acreanas, se fazendo escravo” (Cunha, 1986)

Vejamos como em 2015 o olhar sobre a Amazônia segue a lógica dos primeiros colonizadores, seguindo um sentido único de ser permeando o espaço de categorias que Quijano, Mignolo e Dussel categorizam como colonialidade do poder, ser e do ver. As



imagens mediáticas seguem a linearidade, descaracterizando o espaço, para assim criar subjetividades na região.

Nessa perspectiva, mídia e escola “formadora” cumprem seus papéis a partir de fronteira de ensino e imagens da nomeada “Florestania”, que não passam de aspectos recorrentes, uniformes e homogêneos de opressão do outro. Nas duas imagens, anexas ao final do texto, (seria bom que as imagens viessem logo após esse parágrafo) fica claro o discurso de silêncio, abandono, vazio, que tece a construção da narrativa amazônica e dos objetivos eurocêntricos da política governamental do governo do Acre que, por meio de seus escribas, forjam imagens, guiam olhares e atrás dessas narrativas seguem os técnicos numa luta contra a “selva” para num ato de pura nobreza levar conhecimentos para os povos da “floresta”.

O discurso é histórico, sendo o vídeo a enunciação (em detrimento) do discurso de Florestania, criado pelo governo do Acre como forma de política de controle esvaziando lutas históricas nos rios, ramais, vilas, seringais do Acre com a finalidade de pôr seus representantes como senhores da causa florestal do estado.

É notório que a mídia tem por objetivo criar sentidos, produzindo padrões, guiando olhares e condutas através da crença natural na escola como salvadora dos povos, narrando o sujeito de forma cíclica e homogênea, silenciando vozes antes ativa na floresta.

Segundo Gregolin (2007), “as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade”, produzindo símbolos de um sistema colonial ainda presente nas Américas, e que Boudieu (2007) chama de trocas simbólicas.

Por conseguinte, os vídeos igualmente ao programa Asas da Florestania são simulacros presentes no projeto de Colonialidade para a América que tem no centro tentativas de produzir verdades, empurrando para as margens significativas culturas locais para enquadrar corpos a partir de instituições como a escola, presídios, hospitais e mídias para produzir subjetividades.

Na mesma obra mencionada anteriormente, o papel da mídia na construção das narrativas coloniais ordena socialmente os corpos submetendo a conjuntos de ordenamentos e movimento de olhares que segrega o outro por meios de enunciados de anulação, selado por discursos mediáticos, pedagógicos, médicos e políticos transfigurando o ser. No caso dos vídeos do Asas da Florestania, o discurso de evolução



dos povos pela construção por meio de gestos democráticos tem no cerne o germe da destruição de uma escola “Deformadora”, na perspectiva deleuziana do Devir, do ser que aprende/ensina com o outro, dos valores postos pelas lutas dos trabalhadores rurais do Acre na década de 70 e 80.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da mídia na formação de imagens sobre o imaginário amazônico guia olhares e constrói sentidos baseado em narrativas datadas representando categorias eurocêntricas tendo como centro as relações políticas de um governo que a partir de um jogo de sentidos tentou chamar para se o caráter histórico das lutas sociais baseadas na vontade de povos da floresta que lutaram por espaços de vivências, daí numa tentativa de esvaziar os locais de lutas sociais, nesse sentido discursos políticos no campo da floresta foram criados e repassados pela mídia.

A mídia a partir de interesses particulares atribui sentidos aos programas de governo, nesse sentido os espaços de poder são marcados por elementos mediáticos, não sendo diferente na formação de mentalidade dos povos da floresta através de uma forte explanação dos valores homogêneo do Programa de Ensino Asas da Florestania, para as comunidades dos espaços florestais do Acre, criando uma ação colonial através de ações visuais, que os decoloniais chamam de modos de controle dos subalternos.

REFERÊNCIAS.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**, tradução Marcus Penchel, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**, Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma Filosofia do Inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e Outros Malditos afins**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**, Tradução de Antônio Piquent e Roberto Machado, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.



_____, **Diferença e repetição**. Tradução. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____, **Microfísica do Poder**, Organização e Tradução de Roberto Machado, 21.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____, **Vigiar e punir: O Nascimento da Prisão**, 27.ed. Tradução de Raquel Ramallete . Petrópolis, Vozes 1987.

Habitantes de Babel: Política e Poética da Diferença, Organização de Jorge Larrosa e Carlos Skliar, Tradução de Semíramis Gorini da Veiga, Belo Horizonte, Autêntica , 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. 4.ed, Tradução de Alfredo de Veiga Neto, Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

_____, **Linguagem e Educação Depois de Babel**. Belo Horizonte; Autêntica, 2004.

Linhas de Escrita, Tomaz Tadeu, Sandra Corraza, Paola Zordan, Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

MIGNOLO, W. D. (2003). **Histórias Locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG,

GILROY, Paul. **Entre Campos: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça**. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo, São Paulo, Annablume, 2007.

GREGOLIN, M. do R. (2007). **Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo.** , (São Paulo).

_____, **Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**, Rio de Janeiro, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência**, 2. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

_____, **Pela Mão de Alice: Social e o Político na Pós- Modernidade**, 9.ed. São Paulo, Cortez, 2003.

_____, MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.



SILVA, Tomaz Tadeu, *O Currículo Como Fetiche: A Poética e a Política do Texto Curricular*, 1.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

SAID, Edward w. *Orientalismo: O Oriente Como Inversão do Ocidente*, Tradução de Rosauro Eichenberg, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

O olhar da técnica da SEE www.youtube.com/watch?v=kHX7opF65Mw